

# TOPONÍMIA, POVOAMENTO E ORGANIZAÇÃO DO TERRITÓRIO: ESTUDO COMPARATIVO, A PARTIR DOS NOMES DOS MUNICÍPIOS DA PARAÍBA E DO RIO GRANDE DO SUL

Rui Jacinto <sup>1</sup>

Dirce Maria Antunes Suertegaray <sup>2</sup>

Inocencio de Oliveira Borges Neto <sup>3</sup>

<sup>1</sup> Universidade de Coimbra; <sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul; <sup>3</sup> Universidade Federal do Paraná

## Resumo

Este texto resulta de pesquisas sobre toponímia e território, desenvolvidas em uma parceria entre instituições do Brasil e de Portugal, as quais encerram um comparativo entre topônimos dos estados brasileiros do Rio Grande do Sul e da Paraíba. Como metodologias, estabeleceu-se uma classificação tipológica das toponímias destas regiões e procedeu-se à espacialização e ao enquadramento geográfico das designações encontradas, por meio da abordagem de dois fundamentos: toponímia e leitura do território, objetivando demonstrar como a toponímia relaciona as geografias dos dois estados, tomando, como pano de fundo, aspectos de povoamento, de colonização e de organização dos territórios. Os resultados estão expressos em mapas comparativos, cuja investigação revela similaridades e diferenças entre estes dois espaços.

*Palavras-chave:* Mapeamento toponímico; Toponímia da Paraíba; Toponímia do Rio Grande do Sul.

## Abstract

This text results from research on both toponymy and territory, developed in a partnership between institutions from Brazil and Portugal, which includes a comparison between toponyms of the Brazilian states of Rio Grande do Sul and Paraíba. As methodologies, it was established a typological classification of the toponymy of these regions and a spatialization and geographical framing of the found designations through the approach of two fundamental features: toponymy and territory reading, aiming to demonstrate how toponymy relates the geographies of these two states, taking, as background, the aspects of settlement, colonization and organization of those territories. The results are expressed in comparative maps, whose investigation reveals similarities and differences between these two spaces.

*Key words:* Toponymy mapping; Toponymy of Paraíba; Toponymy of Rio Grande do Sul.

## Introdução

O presente ensaio tem por objetivo divulgar os resultados de pesquisa sobre toponímia e sobre território, realizada no âmbito de um projeto de parceria entre instituições do Brasil e de Portugal<sup>1</sup>. De forma sintética, são expressos os resultados alcançados até o momento em estudos comparativos entre os estados brasileiros do Rio Grande do Sul (RS) e da Paraíba (PB). Além do apontamento metodológico e do estabelecimento duma classificação tipológica das

<sup>1</sup> UFRGS e UFPB, do Brasil, e o CEGOT-UC e Centro de Estudos Ibéricos (CEI), de Portugal.

respetivas toponímias, procedeu-se à espacialização dos vários topônimos e dos respectivos enquadramentos geográficos. A análise geográfica do nome dos lugares, além de denunciar a História que encerram, expressa uma geograficidade, que permite uma aproximação à reconstituição do espaço geográfico e de suas transformações.

A abordagem que vamos apresentar será desenvolvida a partir de dois tópicos fundamentais: toponímia e leitura do território, tentando mostrar como o nome dos lugares é importante para o estudo e para a análise geográfica. Ou seja, como a toponímia se relaciona com as geografias da Paraíba e do Rio Grande do Sul, considerando, como pano de fundo, os aspectos do povoamento, do processo de colonização e da organização do território destes dois estados.

### *Toponímia e leitura do território: o nome dos lugares e sua classificação*

#### Toponímia e Geografia

Na sua definição mais restrita, toponímia - topos (lugar) e onoma (nome), remete às identificações do lugar e do espaço geográfico e, de forma mais abrangente, à paisagem e ao território. A presença dos topônimos, ao longo do tempo, permite o entendimento da construção do espaço humanizado, na medida em que expressa uma intrínseca relação com a histórica ocupação do território, com as comunidades e com as suas raízes culturais (DICK, 1990a, 1990b; FONSECA, 1997; CLAVAL, 1995; COELHO, 2019).

Os estudos relativos à toponímia constituem um caminho analítico de abrangência interdisciplinar como se depreende dos textos de Tuan (1980); Rostaing (1985); Herbele e Machado (2018); Silva et al. (2017) e Trichet (1998). Esses trabalhos, que se têm ampliado na Geografia, com a emergência dos estudos culturais, buscam compreender o significado dos lugares e de suas correspondentes nomações, dentro do contexto histórico-geográfico.

Numa concepção geográfica, pode-se entender a legenda de um mapa, em que se inscreve e em que se regista a denominação dos lugares, como o resultado de um produto toponímico por excelência (COWAN, 1996). O nome dos lugares Rostaing (1985), como uma legenda, passa a assumir um significado intangível, uma marca na superfície da terra, semelhante a uma tatuagem no corpo. A leitura e a interpretação da distribuição dos lugares no território, como nos mapas, evidenciam, pela designação que lhes foi atribuída, um significado, que, além de linguístico, também pode remeter a conotações históricas, geográficas e, mesmo, antropológicas conforme podem ser observados no estudo da ocupação dos Açorianos no Rio Grande do Sul (SILVA; LAROQUE; MACHADO, 2017). Assim, a interdisciplinaridade fica evidenciada na interconexão entre Linguagem, História (o período e o contexto de nomação) e Geografia (o lugar).

A cartografia desses lugares, procedimento essencial à análise geográfica, é, portanto, fundamental. Além da localização, a compreensão de suas distribuições permite estabelecer conexões entre diferentes aspectos, seja em relação à natureza, à forma de ocupação do espaço, às lutas de ocupação e de controle do território, à evolução das fronteiras e de outras demarcações.

Os mapas topográficos e cadastrais são, a este respeito, uma rica e preciosa memória, em que a vegetação e sua história são, possivelmente, as que mais eloquentemente perduram, assemelhando-se a uma toponímia fossilizada. Este fato levou a que se tenha falado do “batismo dos lugares”, como expresso em Claval (1995), quando se referia àqueles (os exploradores) que descobrem e desejam que esses lugares sejam mais amplamente conhecidos; considerava que, para estes, não tem outra maneira, senão a de batizar os lugares, denominá-los. Desta forma, ficaria registrada a qualidade das diferentes facetas ou características locais, atribuída a quem as denominou. O poder de apropriação das terras faz colocar nos registros, nos planos ou nos mapas as coleções de nomes dos lugares.

A toponímia, entre as várias formas reconhecidas (fitotoponímia, orotoponímia, hidrotoponímia, zootoponímia e hagioponímia), constitui uma fonte importante, que a Geografia não pode dispensar, para explicar o meio natural e o seu entorno. Embora predominem nos estudos toponímicos a interpretação linguística, estas análises são uma possibilidade explicativa à mercê da geografia, quando concebida como geotoponímia - termo que expressa uma dimensão complexa, diacrônica e interdisciplinar, associada ao estudo geográfico, tanto em relação ao conhecimento da natureza quanto das formas humanas de ocupação.

Por vezes, os nomes de identificação dos espaços são substituídos com o passar do tempo, pela instauração de um novo poder, por uma invasão ou pelo triunfo de novos modos de viver. O estudo toponímico ajuda a (re)construir a gênese do lugar e a leitura dos sucessivos processos de mudanças que se foram superpondo no território, tal como um processo de sedimentação, com o qual vai escrevendo esse verdadeiro palimpsesto, que se revela e se pode ler, mediante a observação das paisagens físicas e humanas.

Dois objetivos específicos norteiam o presente estudo: ensaiar uma classificação toponímica aplicada aos nomes de municípios da Paraíba e do Rio Grande do Sul; análise comparativa das respectivas geografias toponímicas, a partir desta classificação elaborada para estes dois estados.

O nome dos municípios da Paraíba e do Rio Grande do Sul, sua classificação e mapeamento: ensaio metodológico

Ao realizar uma análise preliminar dos nomes dos municípios, observou-se uma dispersão tão grande de topônimos, que nos levou, em primeiro lugar, a tentar encontrar uma sistematização relativa, perante os significados tão díspares, apresentados pelos lugares.

A partir desta investigação preliminar, foi proposto um caminho definido como um ensaio de tipologia. Ensaio, uma vez que, ao longo do processo, a proposta inicial poderá ser modificada, ampliada ou reduzida, conforme as definições das interpretações, em cada lugar e em cada sub-região de análise. A partir das considerações detalhadas e apresentadas no próximo item, as nomenclaturas previamente analisadas foram colocadas em grandes grupos, obedecendo as sugestões de identificação específicas.

Ao promover uma primeira sistematização dos nomes das cidades, destacaram-se nomes que remetem a alguns pressupostos estruturantes: (i) base conceitual e ideológica, cujos exem-

plos de nomes deixam transparecer pontos de vista e expectativas dos primeiros colonos, como de alcançarem um paraíso na terra, de terem finalmente acesso à terra, à alegria, à felicidade e ao bem-estar, entre outros; (ii) papel importante da religião, que se manifesta na presença e na ligação com a Igreja, através da prevalência dos nomes de santos aos lugares, a exemplo da região das Missões (RS); (iii) referência a acidentes morfológicos, além dos que emanam da natureza ou de certas especificidades locais (monte, serra, vale, várzea etc.), ou ainda, à formação incipiente do povoamento originário e primitivo. No caso da Paraíba, de forma equivalente, esse eixo analítico foi utilizado. As denominações que expressam forte vínculo com a natureza são predominantes na denominação de cidades de origem indígena, bem como à formação incipiente do povoamento primitivo.

Com base nestes pressupostos, a interpretação dos nomes de municípios de ambos os estados foram enquadradas em três coordenadas principais: (i) nomes de matriz identitária, que inclui os nomes dos lugares, que remetem a uma matriz primordial (inicial) ou a certos qualificativos identitários; (ii) rotas do povoamento primordial, que engloba os nomes dos lugares, que, de certa forma, revelam a gênese do povoamento e o processo de colonização, através do nome de pessoas, de santos, de lugares portugueses e de outras nacionalidades, ou datas históricas; (iii) condições naturais e especificidades locais, agregando nomes de lugares relacionados à Natureza, sejam condições biogeográficas locais, presença de água ou de acidentes morfológicos, entre outras especificidades.

Os procedimentos para a elaboração dos mapas, os quais fundamentam essa investigação, estão embasados nas seguintes etapas: (i) classificação das toponímias e vinculação dos resultados à base cartográfica dos municípios do estado do Rio Grande do Sul e do estado da Paraíba; (ii) vetorização das bases cartográficas da divisão regional do estado da Paraíba; e das regiões fisiográficas do estado do Rio Grande do Sul; (iii) composição dos mapas, com a sobreposição das bases cartográficas: divisão regional (para a PB) e regiões fisiográficas (para o RS).

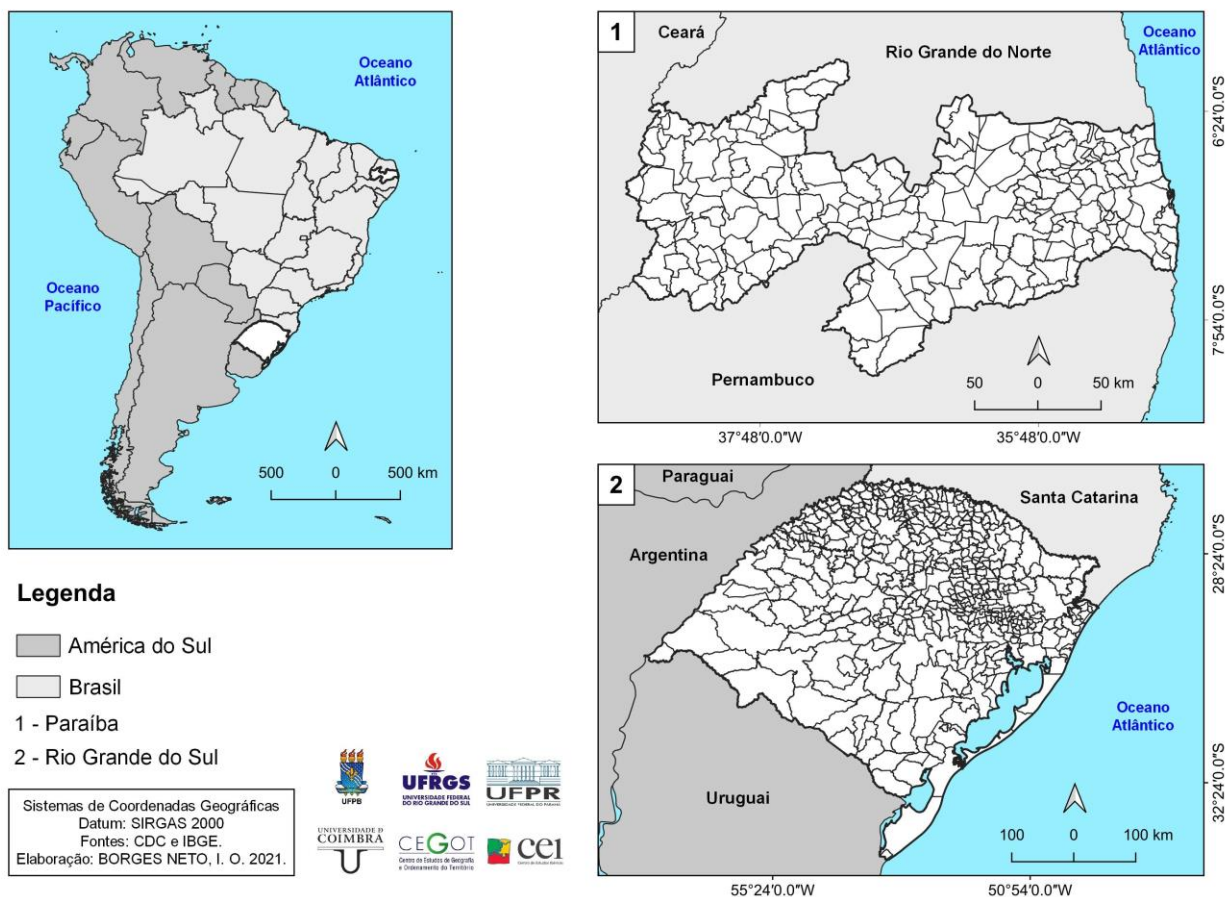
Após a classificação das toponímias dos municípios do RS (e posteriormente, da PB), realizada a partir de pesquisa bibliográfica minuciosa, vincularam-se os resultados das classificações à base vetorial dos municípios do RS e da PB (IBGE, 2018; 2020), possibilitando a segmentação das toponímias, conforme sua origem e classificação.

A vetorização dos mapas (PB e RS) foi realizada com o auxílio do software ArcGIS®, no caso das bases cartográficas não encontradas nas etapas de pesquisa e de aquisição de dados cartográficos, quais sejam: a divisão regional para a PB e regiões fisiográficas para o RS. A composição dos mapas foi realizada, a partir da utilização dessas bases cartográficas (divisão regional – PB; regiões fisiográficas – RS), com auxílio do software livre QGIS (versão 3.16.6 Hannover).

### *A toponímia da Paraíba e do Rio Grande do Sul: povoamento, processos de colonização e organização do território*

Paraíba e Rio Grande do Sul: contexto geográfico, povoamento e toponímia

O estudo compara dois estados brasileiros localizados na região Sul e na região Nordeste do Brasil - Rio Grande do Sul (RS) e Paraíba (PB), respectivamente (Figura 1). No contexto geográfico desses estados, tem-se o RS sob condições de clima subtropical; e, no estado da PB, o clima predominante é o semiárido. Esses estados apresentam distintas configurações vegetais: no RS, as padarias predominavam ao sul e a mata, ao norte do estado. Na PB, a leste, tem-se a cobertura vegetal original de mata; e a oeste, tem-se o cerrado e a caatinga.



**Figura 1.** Paraíba e Rio Grande do Sul: enquadramento e municípios. Fonte: CDC e IBGE. Fonte: Elaborado pelos autores.

O processo de colonização do estado da PB tem forte vínculo com as condições naturais. De maneira simplificada, tomando o sentido Leste-Oeste deste estado, tem-se a seguinte caracterização: vegetação litorânea e Mata Atlântica, área de ocupação indígena e área caracterizada pela produção de cana-de-açúcar no período colonial. A presença da Caatinga (Mata Branca), com sua distribuição nas regiões interiorizadas do estado, Depressão Sublitorânea, Planalto da Borborema (Terra sem Habitante) e na Depressão Sertaneja, área de domínio da ocupação pastoril e agricultura de subsistência, sobretudo, nas várzeas e brejos. Denominação que expressa áreas úmidas, são áreas onde a presença hídrica favoreceu o povoamento para o interior do estado. Em relação à hidrografia, destacam-se dois rios - o rio Paraíba, que drena o estado no sentido

Leste-Oeste; e o rio Piancó<sup>2</sup>. Os brejos e várzeas, devido ao seu potencial agrícola, foram pontos de parada, de produção de alimentos e de instalação de vilas e povoados<sup>3</sup>. Cabe ainda, fazer referência à hidrografia, elemento fundamental na ocupação do estado. Conforme indicado anteriormente, dois rios, o Paraíba e o Piancó, foram fundamentais no processo de colonização da PB.

O estado do RS é o mais meridional do País, constituindo-se um estado de fronteira com Uruguai e Argentina. Foi palco dos processos de ocupação colonial, de disputa territorial e de demarcação de fronteira, quando das lutas por território entre Espanha e Portugal. Resultando daí, como expresso na toponímia municipal, mas também em escalas de observação de mais detalhe a influência desse processo, sobretudo, ao sul do estado, espaço denominado de Pampa gaúcho, áreas predominantes de campo. Ao norte do estado, originalmente, tinha-se a cobertura de mata. As duas faces paisagísticas do estado foram originalmente habitadas por populações indígenas, de diferentes grupos - ao sul, os pampianos, grupos nômades (que viviam da caça e coleta); e, ao norte, povos originários, que ocupavam espaços específicos e que, para além da caça e da coleta, desenvolviam uma agricultura de subsistência.

Estas características, expostas de forma sintética, constituíram a base territorial de ocupação e domínio, predominando ao sul do estado (RS) uma influência ibérica e, ao norte do estado, em decorrência do processo de colonização, uma influência germânica e italiana, que se percebe visivelmente na denominação dos lugares. O povoamento, no processo de formação socioespacial brasileira e, em específico, no RS, se estabelece, com as ocupações espanhola e portuguesa. A conquista do sul do Brasil tem na sua origem a implantação do gado bovino, trazido pelos espanhóis e deixado a ocupar grandes dimensões deste território, com a finalidade estratégica de posse.

O gado abandonado após a dominação portuguesa se desenvolve xucro e vai constituir, a partir da distribuição de sesmarias e de datas (doadas em uso aos portugueses pelo governo Imperial), a base política e a base econômica de sustentação do território do RS. Nesse sentido, os nomes de algumas cidades indicam elementos fundamentais ao povoamento, a exemplo das denominações: fazenda, estância, vacaria, rodeio, engenho velho e charqueada. Esses topônimos remetem às ocupações portuguesa e espanhola e à economia do período.

---

<sup>2</sup> Sentido Sul-Norte, estes dois rios foram fundamentais no processo de ocupação do estado. Ainda que o Rio Paraíba, cujo significado toponímico corresponda a rio impróprio para navegação, sendo um rio, em grandes trechos, intermitente em decorrência das áreas de semiaridez que percorre, constituiu importante via de acesso ao interior do estado. Já o rio Piancó eixo de penetração Sul-Norte, tem sua denominação indígena traduzida como pequena ave que canta, ou sob outra decifração homem astuto, chefe da tribo. Este rio foi o principal percurso de penetração de bandeiras vindos da Bahia e São Paulo que adentravam o Sertão.

<sup>3</sup> Alguns exemplos toponímicos expressam esse processo de colonização: Curumataú - região cujo nome deriva da palavra Tupí que significa rio dos curumatás (peixe tenro), região dominada pela vegetação de caatinga, compreendida pela porção noroeste do Planalto da Borborema foi considerada propícia a criação de gado nos primórdios da colonização; Seridó, palavra proveniente da língua Cariri expressa árvores sem folha ou de pouca sombra. A região era dominada pela caatinga e sua atividade está vinculada à pecuária e a criação de caprinos; Cariri - indicado pelo significado indígena lugar silencioso é, também, a designação da principal família de línguas indígenas do sertão do Nordeste do Brasil. Esta região ocupa uma parcela (sul) do planalto da Borborema, no estado da Paraíba constituída, originalmente, pela vegetação de caatinga, tem suas terras utilizadas pela pecuária, a criação e o algodão; região mais interiorizada do estado, e o Sertão - palavra que entre tantos significados pode corresponder a espaços distantes do mar, ou entre terras continentais, até o significado de agreste, distante das povoações ou de terras cultivadas. Esta região, originalmente, era recoberta por mato (Caatinga), é a região do estado mais distante do litoral e pouco povoada. Sob clima semiárido e vegetação de caatinga, tem na criação do gado a sua ocupação lusitana e aos bandeirantes vindos de São Paulo.

Ao tomar como referência a divisão regional do estado do RS, incluindo divisões socioeconômicas mais atuais e divisões físicas, em unidades de relevo, de vegetação original e de regiões fisiográficas, verifica-se que os topônimos que se vinculam à ocupação ibérica estão presentes nas regiões Sudoeste e Sudeste, no litoral, na Campanha e na Serra do Sudeste e nas Missões, áreas de cobertura original, predominantemente de campo, espaço de ocupação portuguesa, espanhola e açoriana (SUERTEGARAY; JACINTO; BORGES NETO, 2021).

Estão presentes também nas regiões fisiográficas Encosta Inferior do Nordeste e Planalto Médio, que correspondem à depressão Central e às escarpas do Planalto, sobretudo, ao longo do baixo Jacuí e de áreas próximas à capital Porto Alegre (ao norte), espaços ocupados por indígenas e por portugueses<sup>4</sup>. Estes topônimos revelam o processo de colonização inicial, a economia vinculada à atividade pastoril e a característica da economia gaúcha subsidiária ao mercado de São Paulo, na sua origem.

Na continuidade, também podem ser exemplificados os topônimos de origem, associados aos imigrantes alemães e italianos. Um dos exemplos é Linha Nova, povoado originário de imigrantes alemães, que receberam terras, em torno de picadas ou linhas, a partir da década de 1840. Sua primeira denominação foi o nome alemão 'Neu Schneiss' (traduzido para o atual nome, devido à campanha de nacionalização da "ditadura varguista"), um dos municípios, cuja emancipação ocorreu nos anos 1990 (março de 1992)<sup>5</sup>. Um segundo exemplo de cidade de origem alemã é a do topônimo Igrejinha. Este lugar, inicialmente habitado por índios caingangues (conhecidos, na região, pejorativamente, como bugres), foi espaço de colonização de alemães, em 1847. O povoado, inicialmente denominado de Santa Maria do Mundo Novo, virou ponto de referência, em razão da forte influência da Igreja em toda a região, onde os ensinamentos cristãos davam o apoio necessário aos recém-chegados imigrantes. No entanto, o topônimo Igrejinha resultou do fato dessa localidade ser ponto de passagem de tropeiros (atual rodovia RS-020), os quais, em suas incursões pelo povoamento, ao visualizar a pequena igreja, a denominaram Igrejinha<sup>6</sup>. O fato interessante é que a religiosidade dos migrantes - elemento fundante e de aglutinação, que serviu como motivo toponímico inicial, rendendo à povoação um nome de Santo, cedeu espaço a uma denominação resultante de outro elemento fundante - a designação histórica, dada por um grupo externo ao dos habitantes do espaço - os tropeiros.

A igreja, a casa, a fazenda, a estância ou a vila são algumas palavras utilizadas para nomear certos lugares, que nos parecem indelevelmente ligadas a certas especificidades ou a características que estiveram presentes na fundação de alguns aglomerados populacionais. O Quadro 1 apresenta os dados numéricos distribuídos entre as diferentes categorias de classificação toponímica, do comparativo entre os dois estados (RS e PB).

---

<sup>4</sup> Um exemplo é o topônimo Sobradinho, ou seja, um sobrado, em uma estrada entre Rio Pardo [e] Soledade, onde havia uma casa de comércio. O Sobrado, na época, era ponto de referência para os tropeiros, que levavam gado de Rio Pardo para Soledade. Outro exemplo é Ronda Alta, local de repouso e de ronda do gado, pelos tropeiros, vindos das Missões, em direção a Sorocaba/SP. Um terceiro exemplo é Barracão, ponto de passagem de tropeiros, em que foi construído um local de pernoite, denominado Barracão.

<sup>5</sup> Dados obtidos dos sítios: <http://www.linhanova.rs.gov.br/web/historia> e [https://pt.wikipedia.org/wiki/Linha\\_Nova](https://pt.wikipedia.org/wiki/Linha_Nova).

<sup>6</sup> Dados obtidos do sítio: <https://igrejinha.portaldacidade.com/historia-de-igrejinha-rs>.

**Quadro 1.** O nome dos municípios dos estados do Rio Grande do Sul e Paraíba: classificação toponímica.

Rio Grande do Sul Tipologias de nomes de lugares	Nº	%	Paraíba Tipologias de nomes de lugares	Nº	%
<b>1. Toponímia e matriz identitária</b>			<b>1. Toponímia e matriz identitária</b>		
1.1. Nome Indígena	[94]*	[18,9]*	1.1. Nome Indígena	58	25,4
1.2. Missão / Sul / Estrela	26	5,2			
<b>2. Rotas do povoamento primordial</b>			<b>2. Rotas do povoamento primordial</b>		
2.1. Elementos fundamentais do povoamento primordial	47	9,4	2.1. Elementos fundamentais do povoamento primordial	14	6,1
2.2. O paraíso na terra/Sentimento (espírito) do lugar	15	3,0	2.2. O paraíso na terra/Sentimento (espírito) do lugar	9	3,9
2.3. Nome de pessoas (Antroponímia)	96	19,3	2.3. Nome de pessoas (Antroponímia)	20	8,8
2.4. Nome de santos	74	14,9	2.4. Nome de santos	44	19,3
2.5. Nome de lugar portugueses	2	0,4	2.5. Nome de lugar portugueses	5	2,2
2.6. Imigração	11	2,2			
2.7. Nome de data histórica	9	1,8			
<b>3. Condições naturais locais</b>			<b>3. Condições naturais locais</b>		
3.1. Biogeografia: Animais	26	5,2	3.1. Biogeografia: Animais	3	1,3
3.2. Biogeografia: Plantas	38	7,6	3.2. Biogeografia: Plantas	16	7,0
3.3. Condições biogeográficas: Mato	13	2,6			
3.4. Condições biogeográficas: Pinhal, Coqueiral, Mata,...	16	3,2			
3.5. Condições biogeográficas: Campina, Sertão, Gramado,...	13	2,6			
3.6. Hidrotoponímia: Rio, Cachoeira, Arroio, Lagoa,...	52	10,4	3.6. Hidrotoponímia: Cachoeira, Lagoa, Poço, Rio,...	26	11,4
3.7. Hidrotoponímia: Porto	2	0,4			
3.8. Hidrotoponímia: Barra	6	1,2	3.8. Hidrotoponímia: Barra	5	2,2
3.9. Acidentes morfológicos: Monte, Vale, Serra,...	31	6,2	3.9. Acidentes morfológicos: Monte, Vale, Serra,...	14	6,1
3.10. Geologia: Rocha, Lageado,...	21	4,2	3.10. Geologia: Areia, Mineral, Lageado, Rocha,...	9	3,9
<b>Total Municípios</b>	498	100,0	<b>Total Municípios</b>	223	100,0

Nota: (\*) Consideraram-se nesta coluna apenas a classificação principal. Os valores relativos a nomes indígenas [] foram autonomizados para facilitar com o caso da Paraíba. Fonte: Elaboração própria, 2021.

O quadro nos remete à distribuição quantitativa dos nomes dos municípios, considerando a classificação adotada<sup>7</sup>. No total, foram levantadas para o estado do RS informações para os 497 municípios. Com base nesses dados, é possível observar que há uma distribuição, em certa medida, equilibrada, entre as classes de topônimos. Entretanto, são destacáveis, no grupo 'Toponímia e matriz identitária', o subgrupo 'Nome Indígena', presente em 94 municípios (18,9%); e a

<sup>7</sup> Em relação à classificação, cabe esclarecer que: nomes indígenas são classificados os lugares, como tal, mas numa classificação de maior detalhe com base no significado da palavra no idioma original (tupi-guarani, na sua maioria) estes foram incluídos, igualmente, na tipologia respectiva, mas também, conforme o significado do termo como referência a plantas (árvores e frutos) entre outros associados a natureza. São exemplos vinculados aos topônimos da Paraíba: Catolé do Rocha, está como nome indígena, mas também, refere-se ao coco da palmeira, coco catolé + Rocha = nome de família da mesma forma, Areia de Baraúnas; Cuité de Mamanguape. Deste modo, não só se respeita o topônimo ancestral como o seu significado ou qualificativo.



identificação Missão, Sul e Estrela presente em 26 municípios. No grupo 'Rotas do povoamento primordial', o destaque é para 'Nome de pessoas (Antroponímia)' (96), seguido de 'Nome de santos' (74). No grupo 'Condições naturais locais' elementos constituintes da 'Hidrotoponímia' (60) e a indicação de 'Nome de plantas e animais' (64), além dos 'Acidentes morfológicos e geologia' (52). Especificamente para o RS, observa-se uma forte presença de denominações em relação ao indicativo Sul (50), integrado, normalmente, num nome composto ao nome de santos, 15 topônimos (São Vicente do Sul, São Pedro do Sul etc.); seguido de topônimos que indicam demanda de terra e redenção (15) (Boa Vista do Buricá, Alto Feliz etc.). Os topônimos indígenas expressam uma relação muito forte com os constituintes naturais, sobretudo, aqueles vinculados às plantas (21), à água (17) e aos animais (16). Em relação à PB observa-se (Quadro 1) a expressiva permanência dos 'nomes indígenas' em 58 municípios (25,4%) das denominações. Estes são seguidos por 'nomes de santos' (44/19,3 %), 'nomes de pessoas' (20/8,8 %), nomes vinculados à 'hidrotoponímia' (26/11,4 %), acrescido a este último, a 'hidrotoponímia: barra' (5/2,2 %), esse agrupamento perfaz (31/13,6 %). Em 'Acidentes morfológicos', considerando o conjunto das categorias 3.9 e 3.10, tem-se 23 cidades, num total de 10,0 %.

Em relação às condições naturais, observa-se nos dois estados a dominância da hidroponímia, revelando a importância da água, fundamental à existência humana e reveladora de grande escassez no Sertão e Cariri paraibano. Sobretudo, as denominações dos habitantes originários, uma vez que o significado das denominações indígenas, na grande maioria, para os dois estados, está associado a aspectos relativos à Natureza. Comparando os dois estados, é possível distinguir topônimos não observáveis no estado da PB, em relação ao RS. Nesse último, a toponímia expressa a ocupação do estado do RS, revelando a influência da ocupação espanhola (missões), da posição geográfica (sul), das migrações alemãs e italianas (imigrações) e das datas históricas.

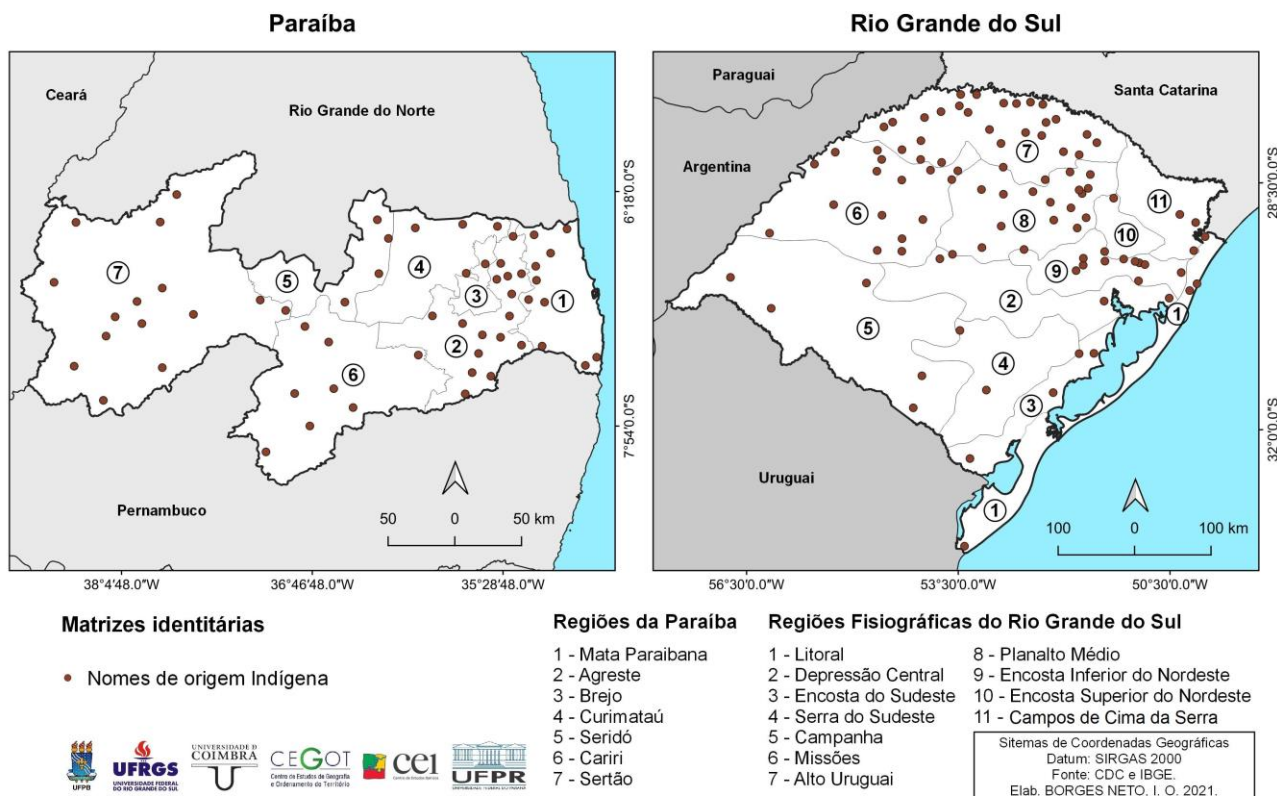
Em relação ao estado da PB, quando os nomes são compostos, independentemente da classificação que parece ser mais pertinente atribuir, estes remetem para outros significados que obrigam a uma apreciação mais fina<sup>8</sup>. Explicitando, Belém do Brejo do Cruz está como referência a nome de lugares portugueses, mas também se compõe de 'Brejo' (elemento natural) e 'Cruz' (referência ao cristianismo, religião). É um dos casos em que remete, hipoteticamente, para duas referências: Belém (cidade santa, que deu origem a uma localidade portuguesa), que poderá ter migrado com a colonização portuguesa, Torre de Belém ou Belém; ou ainda, Baía da Traição – está como referência à 'Hidrotoponímia'. Porém, 'Traição' refere-se ao momento da ocupação territorial. Sertãozinho está como referência a paraíso, sentimento. Mas, também há referência ao processo de ocupação territorial, deriva de Sertões.

Nomes de matriz identitária: os nomes indígenas

---

<sup>8</sup> Exemplos da Paraíba: Nova Olinda; Nova Floresta; Nova Palmeira; Alagoa Nova, Boa Ventura, Bom Sucesso; Bonito de Santa Fé, Santana de Mangueira; Santana dos Garrotes, São Domingos do **Cariri**; São João do Rio do **Peixe**; São José da **Lagoa Tapada**; São José de **Caiana**; São José de Espinharas; São José de Piranhas; São José de Princesa; São José do Bonfim; São José do Brejo do Cruz; São José do Sabugi; São José dos Cordeiros, Algodão de Jandaíra, Campina Grande, Junco do Sérido; Mato Grosso Água Branca; Alagoa Grande, Cachoeira dos Índios; Cacimba de Areia; Cacimba de Dentro.

Inclui os nomes de lugares, que remetem a uma matriz primordial (inicial) ou a certos qualificativos identitários. Em muitos casos, estamos perante o modo incipiente de povoamento, na sua formação primordial, cuja gênese correspondeu a diferentes fases do processo de colonização (Figura 2).



**Figura 2.** Nomes de Matriz identitária: os nomes indígenas das sedes dos municípios dos estados da Paraíba e do Rio Grande do Sul. Fonte: Elaborado pelos autores.

## Indígenas na Paraíba

Entre os critérios utilizados para a classificação das cidades da PB, considerando seu topônimo, tratamos neste tópico, as denominações indígenas enquanto matriz identitária. Em um primeiro momento, foram classificadas cidades que preservam os nomes indígenas e, em momento posterior, considerando o significado da palavra na língua original. O Quadro 1 revela que, do conjunto das cidades do estado (223), 58 preservam a denominação indígena. Essas, por sua vez, expressam significados associados predominantemente aos elementos da Natureza, sobretudo, plantas e animais<sup>9</sup>.

<sup>9</sup> A exemplo das cidades Araçagi, Araruna, Areia de Baraúnas, Aroeiras, Baraúna, Cajazeiras, Caraúbas, Catingueira, Catolé do Rocha, Cubati, Cuité, Cuitegi, Cuité de Mamanguape, Ingá, Jericó, Juazeirinho, Juripiranga, Píripituba, Puxinanã, Quixaba, Sapé, Umbuzeiro, Massaranduba, Caaporã, Cabaceiras, Cajazeirinhas. Arara, Coremas, Guarabira,

Ainda em relação à denominação indígena, conforme a distribuição de nomes vinculados à linguagem de diferentes etnias, é observável que há uma indicação na categoria Rios. Os indígenas, em sua maior parte, ocupavam a região do Agreste e do litoral, por ser esta, a área de melhor presença de recursos às suas existências, comparativamente ao Sertão (semiárido). Tanto nessa região quanto nas demais, as cidades que mantêm seus nomes originais indígenas estão localizadas às margens ou próximas aos cursos d'água, demonstrando o significado da presença de água como um critério de localização, em região ambientalmente seca.

## Indígenas no Rio Grande do Sul

Os nomes indígenas estão distribuídos por todo o território do RS, embora diferentes grupos ocupassem áreas distintas. Algumas toponímias, analisadas em maior detalhe, permitem avaliar e reconhecer esses diferentes grupos, por exemplo, os (Jê) Kaingang (ao norte), os Tupi-Guarani (ao norte e ao centro) e os Tapes (originários dos Guarani) (em parte do litoral, a oeste da Laguna dos Patos, na Serra dos Tapes, entre outros) (SUERTEGARAY; JACINTO; BORGES NETO, 2021).

Ainda que a nomenclatura indígena se distribua por todo o estado, o mapa (Figura 2), demonstra uma maior concentração ao norte do estado, o que se explica pelo número reduzido de municípios ao sul, em decorrência do processo de colonização e povoamento, originalmente associado à distribuição de sesmarias. Ao norte do estado, cujo processo de colonização se deu pela distribuição em pequenas propriedades, a constituição de um número maior de vilas e povoados está na base de uma maior divisão municipal.

Conforme indicamos, são inúmeras as cidades (sede de municípios) que permanecem com o topônimo indígena, no estado do RS <sup>10</sup>. Entretanto, o número de topônimos indígenas não representa a abrangência original dessas denominações, pois muitos deles foram substituídos por outras denominações, ao longo do processo de ocupação do estado. Isso, tanto ocorreu no período da conquista ibérica quanto no período de colonização germânica e italiana; ou na sua continuidade, com o processo migratório interno.

Além dessas trocas de nomes de indígenas por nomes de pessoas vinculadas aos colonizadores espanhóis e/ou portugueses, na origem da ocupação, ocorreu também a substituição dos topônimos originários por nomes de lideranças políticas locais (por vezes, associadas à ocupação, via migração alemã e/ou italiana). Se o território for observado com maior detalhamento espacial (na microescala), a presença de topônimos indígenas é significativa em toda a extensão do território gaúcho. Morros, serras, rios, espécies vegetais e animais têm vínculo muito forte com a população indígena, seja no RS, seja em território brasileiro, expressamente manifesto no significado original do termo.

---

Gurinhém, Jacaraú, Mataraca, Mogeiro, Parari, Picuí, Tacima, Uiraúna, Zabelê, Borborema, Itabaiana, Itaporanga, Itaporoca, Itatuba, Mamanguape, Mari.

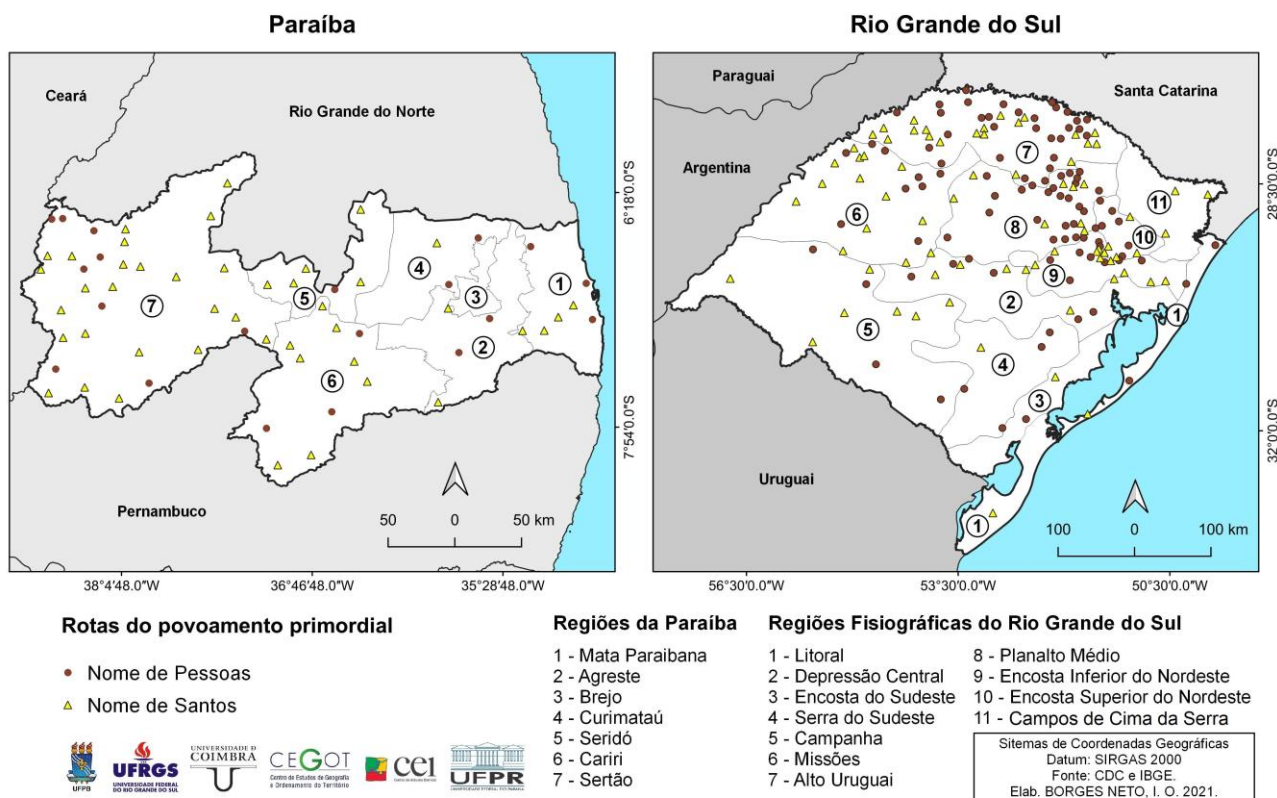
<sup>10</sup> São exemplos de nomes indígenas preservados: Aratiba, Capivari do Sul, Carazinho, Erechim, Humaitá, Jaguarão, Pelotas, Pirapó, Piratini, Tramandaí, Sananduva, entre outros.

Um exemplo emblemático da condição indígena é o aldeamento (em especial, dos indivíduos do grupo Tupi-Guarani) nas missões jesuíticas espanholas (no noroeste do estado). Essas missões, aldeando esse grupo indígena, favoreceram a criação de cidades e o uso dos topônimos de nomes de Santos, conhecidos como os sete povos das Missões.

### Rotas do povoamento primordial: colonização e povoamento

Os nomes de alguns lugares revelam a gênese do povoamento e o processo de colonização do RS, seja pela ocorrência de nomes de pessoas, de nomes de santos, de nomes de lugares portugueses ou ainda, pela utilização de uma data histórica.

O mapa expressa a distribuição de nomes de santos e de pessoas para a PB e o RS (Figura 3). Os nomes de santos são expressivos nos dois estados. No RS, em relação aos nomes de pessoas, ainda que o número de municípios seja significativamente maior, há muitos municípios com essa denominação, sobretudo, da região centro-norte do estado. Esses nomes revelam tanto a história da ocupação portuguesa quanto, pelas suas denominações, a colonização alemã e italiana, predominante nesta parcela do estado. Na PB, são dominantes, sobretudo no Sertão, os nomes de santos, o que se relaciona à colonização portuguesa e à religiosidade cristã.

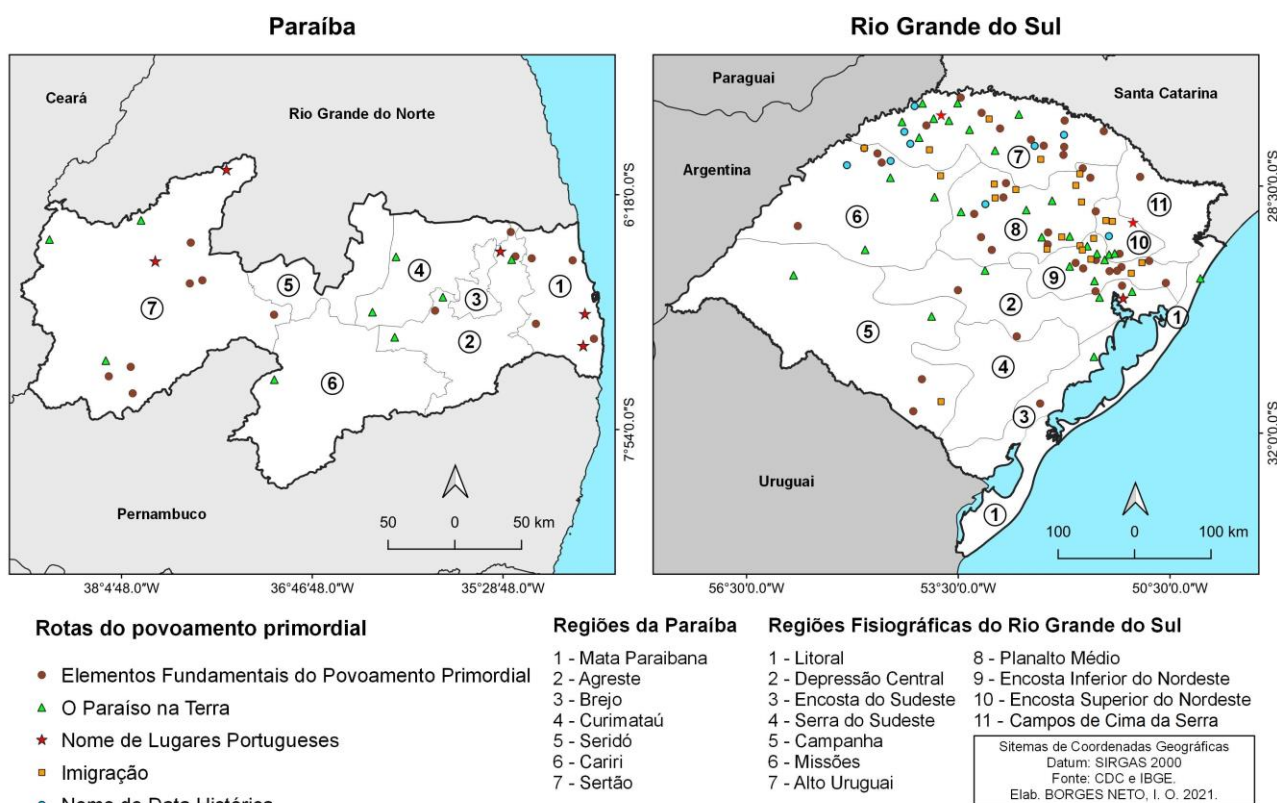


**Figura 3.** Rotas do povoamento primordial: nomes de pessoas e nomes de santos das sedes de municípios dos estados da Paraíba e Rio Grande do Sul. Fonte: Elaborado pelos autores.

Outras categorias relacionadas ao povoamento primordial podem ser observadas no mapa (Figura 4). Nesse, é possível identificar uma predominância no estado da PB, de nomes de municípios que se vinculam aos elementos fundamentais do povoamento primordial e aqueles que se vinculam ao paraíso na terra e aos nomes portugueses, já anteriormente referidos.

No RS, visualizam-se nomes que indicam os elementos fundamentais do povoamento primordial, paraíso na terra, imigração e nome de datas históricas. Nesse comparativo, a aproximação entre os dois estados é verificável entre os elementos fundamentais do povoamento primordial e ao paraíso na terra; e, ainda que se possa perceber uma diferenciação, na PB, esse vínculo está associado à ocupação portuguesa; enquanto que, no RS, sua maior expressão está em áreas de colonização alemã e italiana.

Essa identificação revela, sobretudo, em relação aos nomes classificados como paraíso na terra, o sentido topofílico atribuído pelos seus ocupantes, ao chegarem a novas terras. Em relação ao RS, os nomes remetem: aos elementos fundamentais do povoamento primordial (igreja, casa, fazenda, estância, vila etc.) e à expectativa dos imigrantes, que vinham em busca de redenção ou de encontrar o paraíso na terra (alegria, redenção, encantamento etc.); ou ainda, nomes que remetem aos países de proveniência dos emigrantes (Figura 4).

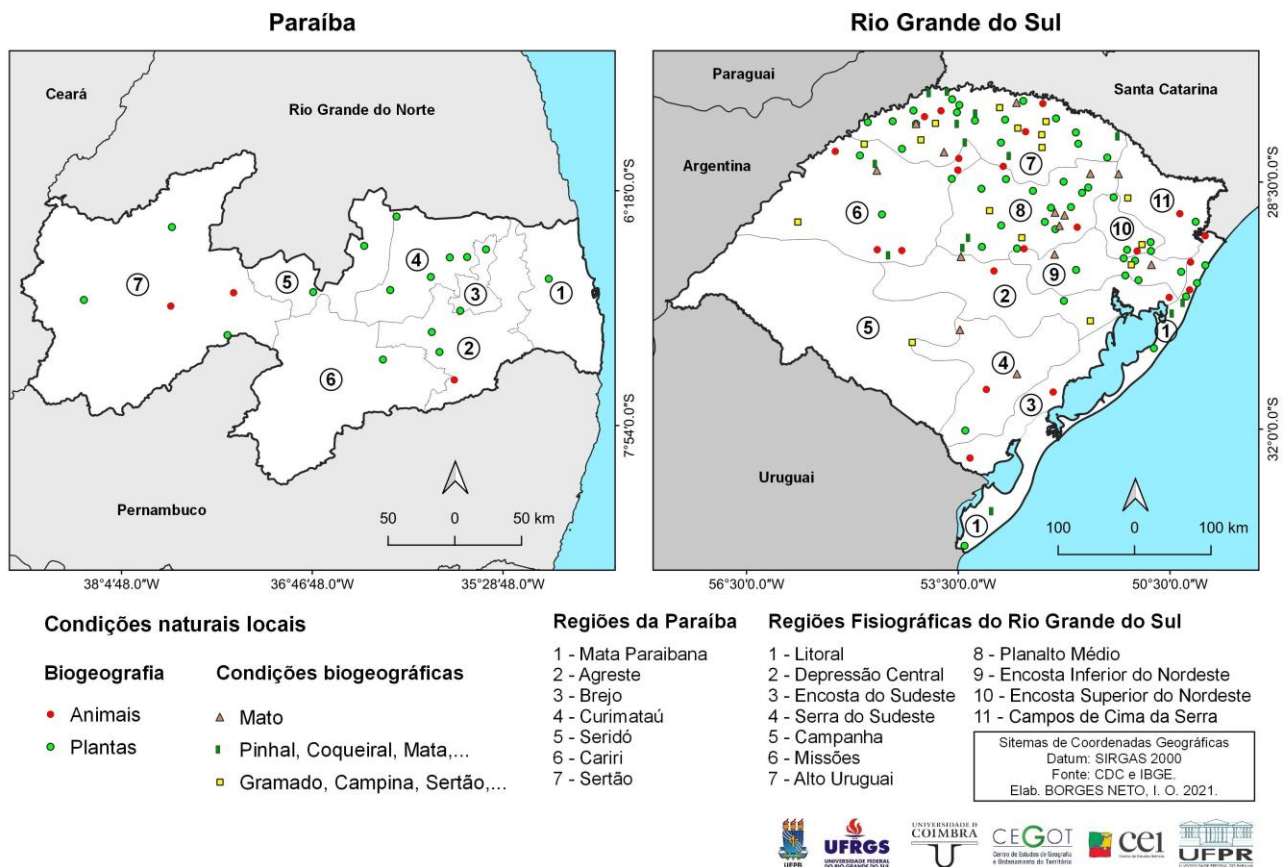


**Figura 4.** Elementos fundamentais do povoamento primordial: identificação no estado da Paraíba e Rio Grande do Sul. Fonte: Elaborado pelos autores.



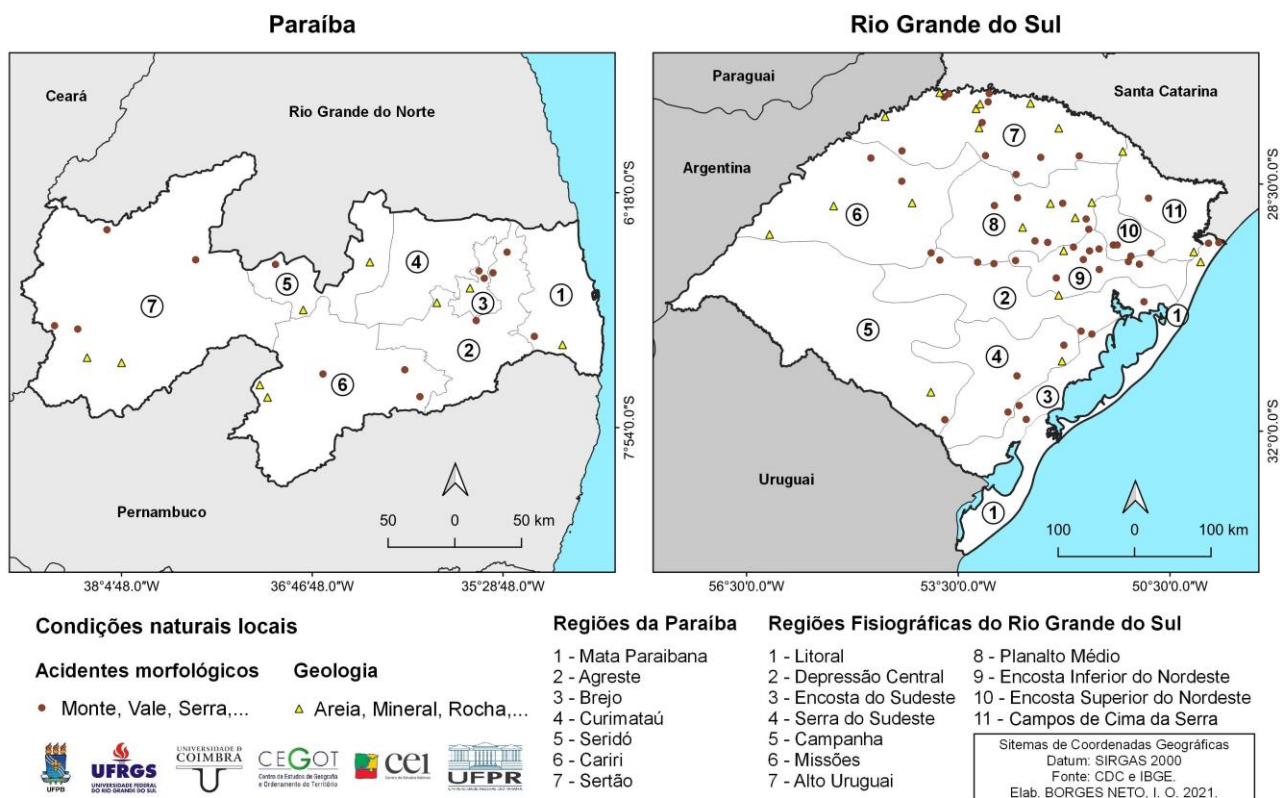
## Condições naturais e especificidades locais

A leitura dos topônimos indica que um número significativo de lugares está relacionado à biogeografia local, quando coincidem com animais ou com plantas; ou com as condições biogeográficas locais, em que se destacaram três tipologias <sup>11</sup>. As Figuras 5, 6 e 7 expressam a classificação toponímica para os dois estados em comparação, PB e RS. Nesse artigo, especificamente, os mapas foram reelaborados e as toponímias utilizadas neste comparativo estão expressas na legenda desses mapas.

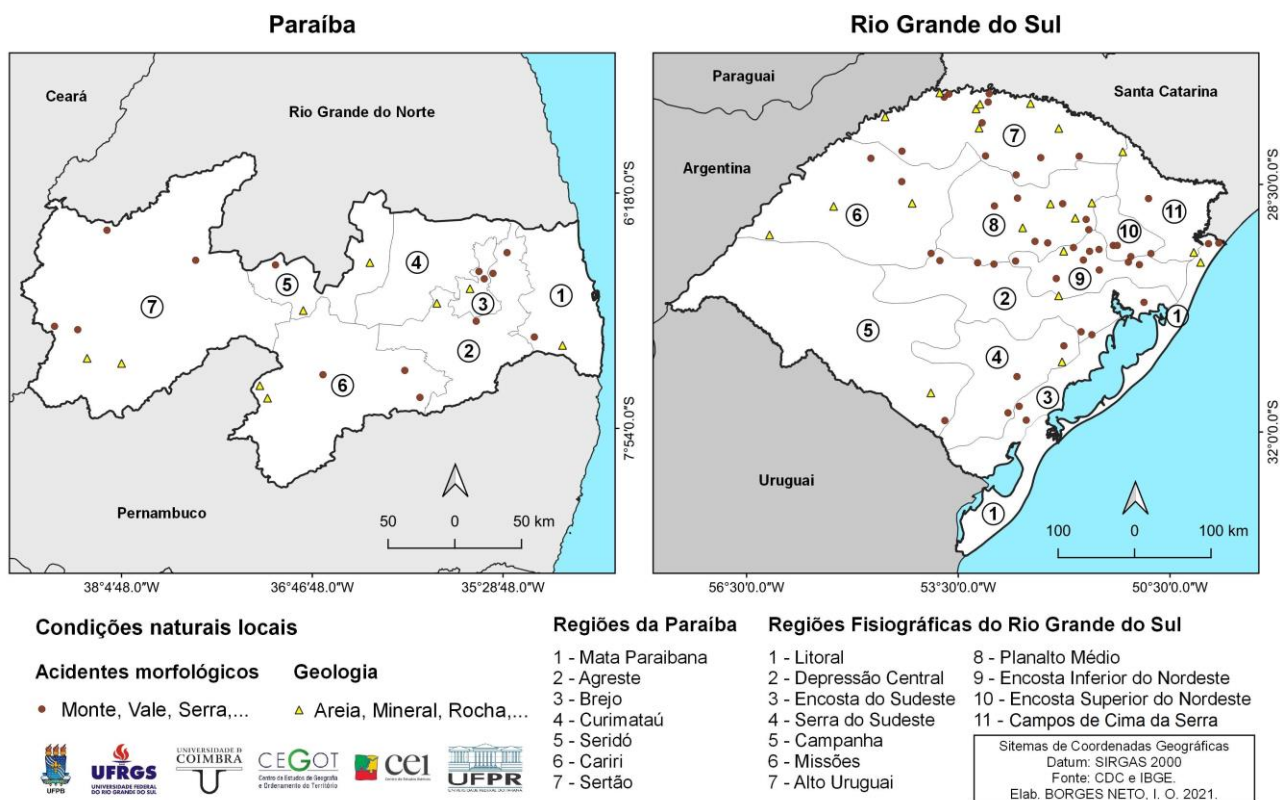


**Figura 5.** Nomes de sedes de municípios relacionados com a biogeografia nos estados da Paraíba e Rio Grande do Sul. Fonte: Elaborado pelos autores.

<sup>11</sup> Categorias relativas aos componentes naturais adotada na pesquisa: (i) mato; (ii) condições biogeográficas locais: pinhal, coqueiral, mata; (iii) campina, sertão, gramado. Os nomes relacionados à água foram agrupados em três classes: (i) continental: rio, cachoeira, arroio, passo, ponte, lagoa, pântano; (ii) porto; (iii) barra. Foram destacados, ainda, os nomes relacionados a acidentes morfológicos (monte, morro, morrinho, vale, serra, planalto, cerro, chapada) ou à Geologia (mineral, rocha, lajeado). Os subgrupos constituídos são os seguintes: 3.1. Biogeografia: animais; 3.2. Biogeografia: plantas; 3.3. Condições biogeográficas locais: mato; 3.4. Condições biogeográficas locais: pinhal, coqueiral, mata; 3.5. Condições biogeográficas locais: campina, sertão, gramado; 3.6. Hidrotoponímia: rio, cachoeira, arroio, passo, ponte, lagoa, pântano; 3.7. Hidrotoponímia: porto; 3.8. Hidrotoponímia: barra; 3.9. Acidentes morfológicos: monte, morro, morrinho, vale, serra, planalto, cerro, chapada; 3.10. Geologia: areia, mineral, rocha, lajeado. Para a Paraíba os agrupamentos 3.3. Condições biogeográficas locais: mato; 3.4. Condições biogeográficas locais: pinhal, coqueiral, mata; 3.5. e Condições biogeográficas locais: campina, sertão, gramado e 3.7. Hidrotoponímia: porto - não foram considerados na classificação utilizada neste texto.



**Figura 6.** Nomes de sedes de municípios relacionados com aspectos morfológicos nos estados da Paraíba e Rio Grande do Sul. Fonte: Elaborado pelos autores.



**Figura 7.** Nomes de sedes de municípios relacionados com o elemento água nos estados da Paraíba e Rio Grande do Sul. Fonte: Elaborado pelos autores.

Os mapas revelam as condições naturais originais e locais. Essas, estão expressas através da biogeografia, dos acidentes morfológicos e da hidrotoponímia; estando presentes em ambos os estados. Seja no RS, seja na PB, os topônimos de maior presença correspondem a: 'Biogeografia: plantas'; 'Hidrotoponímia: Rio, Cachoeira, Arroio, Lagoa'; e, 'Acidentes morfológicos: Monte, Vale, Serra'. Em relação à distribuição, esses topônimos são observados, no espaço rio-grandense, na porção centro norte do estado, área originalmente de mata e, morfológicamente, vinculadas à região de planalto<sup>12</sup>. Já no espaço paraibano, esses topônimos apresentam maior concentração nas regiões próximas ao litoral (área originalmente de mata) e, no sertão, sobretudo, ao longo dos cursos d'água.

<sup>12</sup> São exemplos de cidades com nomes que indicam esse agrupamento no Rio Grande do Sul: Alecrim, Anta Gorda, Arroio do Tigre, Arroio do meio, Barra do Quaraí, Barra do Ribeiro, Boqueirão do Leão, Campinas do Sul, Cerrito, Faxinalzinho, Mata, Capão do Cipó, Gauiba, Itaara, Inhacorá entre outras. Na Paraíba tem-se como exemplo: Alagoa Grande, Pombal, Campina Grande, Bananeiras, Patos, Água Branca, Alagoinha, Arara, Barra de Santa Rosa, Barra de São Miguel, Cajazeiras, Boqueirão, Emas, Ingá, Itatuba entre outras.



## Remate

Esse estudo comparativo centrou-se no estado do RS, constituindo 497 municípios; e no estado da PB, administrativamente, subdividido em 223 municípios. A denominação desse conjunto de municípios constitui a base para a classificação toponímica apresentada. A "panóplia" de nomes de lugares, sem deixar de levar em consideração os pressupostos enunciados, obrigou a uma análise mais fina (detalhada), com a definição de uma grelha mais apertada. Esse minucioso trabalho conduziu à criação da forma de análise utilizada neste texto. A análise toponímica revela que os nomes indígenas, quando traduzidos para seu significado linguístico, expressam na sua maioria nomes atribuídos aos acidentes naturais, plantas e animais; permitindo, ao estabelecer conexões, avaliar as condições paisagísticas originais dos locais onde estes povos habitavam. A identificação de espécies constitui um contributo significativo para restaurar a leitura da paisagem em sua originalidade.

É fundamental deixar registrado que este estudo está centrado, sobretudo, no estado da PB, na seguinte questão: por que se criam e se destacam as duas tipologias, nomes indígenas e localidades portuguesas? Em resposta, tem-se a expressão da centralidade dessa análise: por representarem, porventura, o confronto entre o existente/ local/ autóctone e o que vem de fora/ exógeno colonizar e ocupar o espaço.

É possível questionar por que, em alguns casos, se mantiveram uns nomes e, em outros, se vão impor os nomes trazidos pelos que chegam? É curioso que deem nomes de lugares de onde partiram; noutros, acabaram por lhe atribuir o nome da nova morada. No caso do RS, há uma mescla mais expressiva de denominações de cidades que expressam a ocupação original indígena, a influência ibérica (sobretudo, com a atribuição de nomes de santos) e a colonização germânica e italiana. Em que pese terem, muitos desses nomes, sido substituídos por outros, de acordo com a conjuntura política à época. Assim, tem-se substituições de nomes indígenas por ibéricos ou vice-versa, a substituição de nomes indígenas e ou portugueses (PB e RS) por nomes vinculados às colonizações alemã e italiana (RS).

Enfim, esse texto expressa um processo de análise toponímica, com desdobramento em tantas outras questões, explicitando a complexidade envolvida na compreensão daquilo que se denominou nesse artigo como uma possibilidade de análise da geotoponímia.

## Referências

CLAVAL, P. **La géographie culturelle**. Paris: Nathan Université, 1995.

COELHO, R.G. **Comportamentos de resistência à integração colonial na Amazônia portuguesa (século XVIII)**. Disponível em:

<[https://run.unl.pt/bitstream/10362/15891/1/AHAM%20X%20\(2009\).pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/15891/1/AHAM%20X%20(2009).pdf)>. Acesso em: 14 dez. 2019.

COWAN, J. **O sonho do cartógrafo**. Lisboa: Rocco, 1996.

- DICK, M.V.P.A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1990a.
- DICK, M.V.P.A. **Toponímia e Antroponímia do Brasil. Coletânea de Estudos**. 2. ed. São Paulo: FFLCH, 1990b.
- FONSECA, G.S. **La gente pasa, los nombres quedan. Introducción a la toponimia**. Lima: Lengua e Sociedad, 1997.
- HEBERLE, M.; MACHADO, N.T.G. As contribuições de Dick para o estudo da toponímia brasileira. **Antares: Letras e Humanidades**, Caxias do Sul, v. 10, n. 21, 2018. DOI: <<http://dx.doi.org/10.18226/>>. Acesso em: 21 jan. 2020.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Geociências > Organização do Território > Malhas Territoriais > Malha municipal**, 2018.
- <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/malhas-territoriais/15774-malhas.html?edicao=30138&t=acesso-ao-produto>>. Acesso em: 05 jan. 2020.
- IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Geociências > Organização do Território > Malhas Territoriais > Malha municipal**, 2020.
- <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/malhas-territoriais/15774-malhas.html?edicao=30138&t=acesso-ao-produto>>. Acesso em: 05 jan. 2020.
- ROSTAING, C. **Les noms de lieux. Que Sais-je**. Paris: PUF, 1985.
- SILVA, C.; LAROQUE, L.F.S.; MACHADO, N.T.G. Tradições culturais açorianas e de seus descendentes na região Vale do Taquari, Rio Grande do Sul/Brasil. **Destaques Acadêmicos**, Lajeado, v. 9, n. 2, p. 185-205, 2017.
- SUERTEGARAY, D.M.S.; JACINTO, R; BORGES NETO, I.O. Toponímia, Identidade e Processo de Colonização do Rio Grande do Sul. In: JACINTO, R. **Dinâmicas socioeconômicas em diferentes contextos territoriais**. Lisboa: Âncora Editora, 2021. p. 15-48. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/502185217/Iberografias-40>>. Acesso em: 28 jun. 2021.
- TRICHET, J.-R. **Geographie historique. Hommes et territoires dans les sociétés traditionnelles**. Paris: Nathan Université, 1998.
- TUAN, Y.-F. **Topofilia, um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.